

Pedro Tavares pedro.tavares@dq.fct.unl.pt

Em 15-09-2010 10:22, Pedro Tavares escreveu:

Caro Professor Ferreira Gomes

Tendo tido a oportunidade de ler a versão preliminar do relatório sobre Ciência gostaria de fazer alguns comentários sobre o conteúdo do mesmo. Antes de mais gostaria de felicitar a comissão pela elaboração deste relatório sobre temas que urge discutir e reflectir devido ao facto do crescimento recente da actividade científica em Portugal.

Revejo-me em muitas das opiniões expressas no documento, em particular no que diz respeito à gestão da ciência que actualmente se pratica. Penso que o maior desafio que actualmente enfrentamos é o que resulta dos mecanismos e capacidade de gestão dos recursos não ter acompanhado o crescimento exponencial que se verificou. É portanto importante reflectir sobre o tipo de gestão que se pratica ao nível da FCT/MCTES, mas também ao nível das entidades responsáveis pela execução financeira. Não é possível ser competitivo cientificamente quando da ideia (submissão de uma proposta de projecto) à sua execução (compra dos meios para executar as experiências em causa) passam vários anos. Este tempo é perdido em períodos de avaliação, estabelecimento de contratos, transferência de verbas, validação de despesas, etc.

Um dos pontos onde Portugal carece ainda de muito trabalho é o das infra-estruturas utilizadas. Por infra-estruturas refiro-me aos equipamentos de custos elevados (urge pensar em novo programa de reequipamento científico) mas também aos edifícios onde se pratica investigação. Que seja de meu conhecimento, não existem fontes de financiamento para manutenção deste tipos de estruturas. Modificação e adaptações feitas são sempre de pequena monta por comparação com as necessidades e acabamos quase sempre em situações em que dezenas de anos após as respectivas construções e inaugurações os edifícios apresentam um elevado grau de degradação. Em Portugal parece ser fácil construir mas muito difícil manter ou melhorar/adequar a novas realidades os edifícios onde diariamente trabalhamos. Podemos certamente dizer que a responsabilidade recai sobre as instituições, mas pelo que me é dado a ver pela minha instituição essa capacidade é inexistente.

Outro ponto importante na análise feita deveria ser a dependência que existe das fontes de financiamento. Penso que numa instituição de ensino e investigação seria saudável que o dinheiro investido viesse em partes iguais de financiamentos estatais (agências nacionais e europeias), propinas e propriedade intelectual da instituição (expressa em patentes ou financiamentos directos da industria). Este não deve ser o caso português onde existe uma dependência extrema do estado português e de uma única agência de financiamento nacional (FCT/MCTES). Seria benéfico se um dos capítulos do relatório abordasse este aspecto.

Seria também interessante explorar os mecanismos instalados para promover a eficiência e o controlo da execução dos programas colocados em prática pelas instituições de financiamento, nomeadamente a FCT/MCTES. Não é inédito a existência de departamentos associados às instituições de financiamento, mas independentes na sua acção, que efectuem fiscalização e oferecem consultoria contribuindo assim para um melhor controlo das verbas investidas na ciência (veja-se por exemplo a NSF OIG). Dada a dimensão da investigação científica que se atingiu em Portugal, estabelecer este tipo de departamentos é da maior importância.

Considero que um dos maiores, se não o maior, sucesso de todo o investimento feito em Ciência nas últimas décadas foi o da divulgação científica. É notória a diferença que existe na sociedade portuguesa da percepção do que é e para que serve a investigação científica. Efectuar investigação científica (vulgo ser cientista) passou de algo estranho, bizarro, para algo importante no tecido social. Muito se deve a programas como o Ciência Viva e à crescente participação das instituições que fazem investigação em iniciativas de divulgação científica. Este investimento deveria ser valorizado no relatório. Finalmente, um ponto da

maior importância. O financiamento cresceu, cresceu também o número de investigadores e instituições (centros, laboratórios, etc). Terão sido postos em prática mecanismos para criar a necessária sustentabilidade do sistema? Muito honestamente penso que não e que é muito importante ponderar urgentemente como todo o sistema criado vai ser mantido, ou como queremos que evolua nas próximas décadas

Com os meus melhores cumprimentos,

Pedro Tavares

Pedro Tavares <pedro.tavares@dq.fct.unl.pt>